

V!RUS

Revista do Nomads.usp
Nomads.usp Journal
ISSN 2175- 974X

desenhando coexistencia | designing coexistence | sem 2-10

Como citar esse texto: NETTO, V. de M.; PASCHOALINO, R.; PINHEIRO, M. Redes sociais na cidade, ou a condição urbana da coexistência. **V!RUS**, São Carlos, n.4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=5&lang=pt>>. Acesso em: dd mm aa.

Redes sociais na cidade, ou a condição urbana da coexistência

Vinicius de Moraes Netto, Roberto Paschoalino, Maira Pinheiro

Vinicius de Moraes Netto¹ é Arquiteto, PhD em Estudos Avançados em Arquitetura e Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense.

Roberto Paschoalino é cientista social e pesquisador do Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanas.

Maira Pinheiro é pesquisadora do Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos.

Resumo

Este artigo apresenta uma abordagem alternativa à possibilidade de planejar coexistência na cidade. Propõe-se que, antes de conceber e projetar espaços de coexistência é necessário compreender as condições urbanas para promover o reconhecimento das diferenças, no espaço concreto, entre indivíduos, grupos e classes. Desenvolve-se uma abordagem capaz de identificar padrões distintos de apropriação do espaço profundamente relacionados à formação de redes sociais: a espacialização de práticas e movimentos corporais, as quais constituiriam padrões de encontro e possibilidades controladas de comunicação – fatores que estão no cerne da emergência de redes sociais. Este artigo aborda os processos de segregação dinâmica na cidade, desvelando o papel do espaço na convergência ou divergência das experiências urbanas de indivíduos, grupos ou classes.

Palavras-chave: segregação dinâmica, coexistência, alteridade.

¹ Núcleo de Estudos Habitacionais e Urbanos, R. Almirante Tefé 637 – Niterói - Rio de Janeiro, Brasil | + 55 21 97271512 | email: vnetto@vm.uff.br.

1. Introdução: entender a coexistência antes de projetar a coexistência

Uma das principais preocupações de nossos dias é a de afirmar a possibilidade de a cidade contemporânea ser *locus* da pluralidade, da comunicação entre classes diferentes e do reconhecimento do Outro. Este artigo investiga as condições em que pluralidade, diversidade social e comunicação efetiva entre diferentes classes sociais podem emergir, o que nos leva a explorar a complexidade das ações e interações cotidianas e potencialmente conectadas que costumam formar as redes sociais. Neste artigo, sustenta-se que, antes de conceber e planejar espaços de coexistência, é fundamental entender as condições urbanas que podem promover coexistência, reconhecimento e interação de diferentes grupos ou classes sociais, focando no papel do próprio espaço urbano como elemento capaz de promover coexistência. Este trabalho tem por objetivos descrever processos de segregação dinâmica na cidade, e descerrar o papel do espaço em aproximar mundos segregados de maneira a promover a integração de grupos ou classes sociais distintas. A questão da exclusão social é geralmente associada à segregação, e definida como restrições que o lugar impõe ao contato, comunicação e relações sociais, ou limites à interação social (FREEMAN, 1978). Tradicionalmente, a segregação urbana é vista como o processo de formação de áreas social e espacialmente diferenciadas, de maneira que concebemos a segregação espacial como uma forma de produzir distância social; em outras palavras, o espaço separa.

Entretanto, as pessoas não permanecem imóveis nessas áreas segregadas. Elas movimentam-se pela cidade, apropriando-se de lugares distintos, de acordo com a situação – da casa para o trabalho, ou em busca de lazer e socialização. Podemos pensar que essa mobilidade poderia tornar o espaço um meio obsoleto de produzir, configurar ou consolidar segregação. Ainda assim, como veremos adiante, a mobilidade varia de acordo com desigualdades sociais e o contexto, de modo que em diversas cidades e regiões a segregação ainda é uma característica marcante, mesmo na vida urbana de alta mobilidade e conectividade (THRIFT, 2008) típicas das cidades e socialidades no século XXI. Nossas cidades ainda se parecem com máquinas de distanciamento entre os socialmente diferentes. O ponto central do nosso argumento é que, uma vez que nossas sociedades são sistemas complexos de interação e nós somos tão móveis, deve-se olhar para o espaço para além das abordagens tradicionais. Este artigo se propõe a *analisar os espaços entremeados pelas ações sociais, deslocamentos cotidianos e interações*. Com efeito, isso implicaria em tocar um aspecto social complexo e fugidio, um emaranhado virtualmente indescritível de ações e interações.

Para tornar essa análise possível, adotaremos o seguinte procedimento metodológico: (i) uma mudança de foco, passando da tradicional idéia de segregação espacial para *a centralidade do corpo na mediação das interações potenciais* entre grupos e classe sociais distintos; ou seja, ao invés de limitarmos a identificar apenas o local de moradia como atributo de segregação,

nos propomos a analisar também deslocamentos, ações e interações na cidade como características inerentes e diferentes de acordo com o grupo social; (ii) identificar a forma como as pessoas formam suas redes sociais presenciais no espaço urbano, de maneira que de similaridades de ações e estilos de vida possam ser reconhecidas em seu papel em aproximar ou diferenciar essas redes sociais, permitindo observar traços de (iii) como diferenças sociais se transformam em distâncias estruturais, e o Outro, uma forma de *alteridade invisível*. Uma abordagem que seja bem-sucedida em encontrar esses aspectos ofereceria uma descrição da emergência de diferentes mundos sociais coexistindo em uma mesma cidade – e suas possibilidades de relação. Observaremos assim os diferentes padrões de apropriação do espaço, e como eles afetam ações e encontros, de maneira que redes sociais são constituídas de acordo com esses padrões de apropriação, em não apenas por encontros aleatórios na cidade. Feito isso, poderemos entender como encontros espaço-temporais estruturam as redes sociais, de maneira que similaridades e diferenças nas práticas urbanas cotidianas constituam sociabilidades internamente coesas e externamente dissociadas – processos que são o próprio reflexo da segregação dinâmica. Se radicalizada a distinção entre essas práticas corporais de sociabilidade, *a cidade deixa de ser um espaço de geração de interações e encontros potenciais entre grupos ou classes sociais distintos* – interações que assegurariam a coexistência. A criação de espaços restritos a um grupo e espaços de difícil acesso ao transporte coletivo são exemplos de radicalizações que afetam a possibilidade de encontro, em especial em cidades fortemente desiguais, como as brasileiras.

O presente trabalho reflete sobre as instâncias que constituem a vida social onde a segregação é de fato mais presente: as *ações* que realizamos na cidade, coletivamente imersos em atividades de reprodução social – ações que são sutil e insuspeitamente atravessadas de distância social, de uma *segregação que acompanha os corpos* dentro do próprio reino da vida cotidiana. Acostumamo-nos a esse problema justamente por ele perpassar constantemente nossa experiência urbana: atores diferenciados que se locomovem e apropriam diferentemente do espaço, mas que o fazem sem tomar conhecimento um do outro.

2. A condição da coexistência: como vivenciamos o espaço urbano

Gostaríamos de introduzir uma abordagem microestrutural da coexistência social e seu oposto, a segregação social, usando o conceito de “rede social”, aqui definido como conjunto de relações entre seres sociais². Esse conceito geral é capaz de operar em escalas diferentes de relações sociais baseadas em interações entre grupos, classes ou etnias, e pode ser estendido de forma a tratar das condições *espaciais* de integração social em diferentes contextos. A presente abordagem é baseada também em um segundo conceito, *padrões de apropriação* do espaço urbano, capaz de identificar formas diferentes, mas típicas de apropriação, e associá-

² Nosso uso discursivo e visual desse conceito difere da aceção da Análise de Redes Sociais e outras abordagens teóricas de grafos (Cf. GRAVONETTER, 1973; SCOTT, 1991; WASSERMAN; FAUST, 1994; FREEMAN, 2006).

las a grupos distintos. Padrões de apropriação têm relação com as formas de “atuar o espaço” socialmente. Eles estão intimamente ligados à mobilidade e às capacidades de desempenhar atividades na cidade. Se nos atermos ao problema das sociedades desiguais, determinados grupos e classes sociais têm orçamentos limitados para gastar com transporte, ou não dispõem de automóveis particulares. A renda também afeta o número de atividades e as possibilidades de consumo na cidade, ou seja, a parcela da cidade economicamente viável de se visitar na busca de serviços.

Avançando na análise da segregação dinâmica na cidade, se nos valeremos dos estudos configuracionais³, podemos considerar a cidade como uma rede espacial de ruas e locais de atividade. *Encontros* são ora dispersos pelas ruas, ora concentrados em pontos de ônibus, estações de metrô, locais de trabalho, lazer e consumo e edifícios complexos como *shopping centers* e universidades. Essas atividades são atratoras para atores sociais: é dentro desses locais que parte substancial da vida urbana se desenrola, tais como a comunicação e a possibilidade de relacionar atos individuais a redes de ações que constituem a vida em sociedade.⁴ As atividades – e lugares – na cidade possuem papéis bem-definidos nessas redes e rotinas [isto é, nas ações de trabalho e consumo diário, em termos instrumentais] assim como na vida social das pessoas e grupos. Podemos participar de determinada atividade se ela nos interessa, se temos algo a fazer nela, se podemos pagá-la e se temos como chegar até ela – mas, antes disso, podemos participar dela apenas se soubermos que essa atividade existe e onde ela se desenrola. Ora, isso significa que nem todas as atividades que têm lugar na cidade são interessantes ou acessíveis a todos; ainda assim, elas são atraentes e podem ser levadas a cabo por alguns grupos. Essas atividades têm impacto sobre nossas ações, sendo centelhas para uma série de movimentos dentro a trama espessa de deslocamentos que tem início nas moradias.

O deslocamento, por sua vez, geralmente envolve grandes distâncias, percorridas pelo movimento pedestre, transporte coletivo ou por veículos particulares. O meio de transporte utilizado tem uma influência tão grande sobre as *possibilidades de apropriação* do espaço quanto à rede viária que articula os locais de atividade. A apropriação do espaço relaciona-se ao número de locais e atividades que uma pessoa pode utilizar, aí incluídos os espaços públicos pelos quais ela passa. Se os deslocamentos e ações deixassem traços visíveis no espaço, poderíamos ver como se dá a apropriação das redes espaciais urbanas; relacionar os caminhos aos indivíduos que os percorreram, e organizar esses indivíduos em grupos ou classes pode revelar padrões específicos de apropriação do espaço e sua influência na formação das redes sociais. É justamente esse o objetivo e o método que este artigo se dispõe a desenvolver.

³ Como Kruger (1979), Hillier e Hanson (1984), Krafta (1994), Holanda (2002), entre outros. Essa abordagem foi desenvolvida originalmente em Netto e Krafta (1999).

⁴ Derivamos essa observação de Habermas (1984).

Dessa forma, se formos capazes de relacionar diferentes padrões de apropriação a diferentes grupos sociais, poderíamos começar a perceber também as redes sociais como específicas e diferenciadoras, tecidas sobre *canais* e *nós* de convergência social. Certos grupos se deslocariam por determinadas ruas e visitariam determinados locais com mais frequência do que outros grupos, ainda que alguns caminhos e locais também sejam comuns a outros grupos.⁵ Essas redes espacializadas de apropriação são traços de nossa presença efetiva no espaço. Se pudéssemos mapear esses caminhos, poderíamos ter uma boa noção de como grupos sociais diferentes espacializam suas ações. Padrões de apropriação do espaço moldam as ações dos atores na cidade e, ao fazer isso, tendem a ter efeito sobre a interação social potencial, sobre a formação de relações entre pessoas e, finalmente, sobre a própria formação de redes sociais. Faz-se, assim, a passagem da espacialidade para a emergência de redes sociais. O caminho teórico que queremos explorar está no quadro abaixo:

Padrões de apropriação do espaço → Padrões de encontro no espaço

→ Padrões de formação da rede social

→ Geração de coexistência ou de mundos sociais distintos na cidade

3. A formação de redes sociais no espaço

Qual é a chance de encontrarmos pessoas de outros grupos ou classes sociais? Se pudermos entender de que maneira o espaço é parte da geração da possibilidade de encontro, teremos avançado no entendimento das condições da coexistência relacionadas as dinâmicas segregação *que acompanham o corpo* [em oposição às abordagens estáticas, restritas às áreas de moradia]. A forma como *atuar* a cidade é chave para esse entendimento. Ela é ativa na formação da principal "substância" a partir da qual as redes sociais são formadas: os encontros. O conceito de Giddens de *serialidade ou sequenciação dos encontros* como forma de coordenar a organização social e integrar as interações no tempo e espaço é certamente útil. Gostaríamos de acrescentar ainda um segundo conceito: as sociedades como *sistemas de encontro* (HILLIER; HANSON, 1984). Esses dois conceitos nos ajudarão a compreender a importância do encontro na produção de sociabilidades e também a definir a ideia de padrões de encontro como seqüências ativas na definição de condições de co-presença e efetiva interação em sociedades heterogêneas.

Estar no mesmo lugar que outros sujeitos é, obviamente, a condição para a interação de fato [oposto, portanto a interações via *internet*, que pertencem a uma natureza completamente diferente e possui outros fins; encontros virtuais dificilmente seriam capazes de manter uma sociedade coesa]. A formação de redes sociais depende de possibilidades de co-presença, ou

⁵ Gonzales et al (2008) reuniram um extenso banco de dados de deslocamento, baseado nas informações das torres de telefonia móvel em cidades estadunidenses. Os autores destacaram uma tendência acentuada à recursividade no movimento e apropriação de espaços e lugares.

seja, está diretamente ligada à questão do acesso às atividades na cidade. Eventos sociais estão dispostos no espaço e, portanto, sujeitas a condições variadas de acesso social e espacial, podendo não estar localizadas dentro dos interesses, orçamento ou possibilidades de acesso de dado ator ou grupo. *Caminhos de ação* cotidiana são condicionados pela estrutura urbana, potenciais de mobilidade e interesses sociais, e séries de encontros em locais específicos dependerão desses fatores. Estruturas urbanas e padrões espaciais de localização e acessibilidade na cidade são importantes, pois implicam em vias, áreas e lugares com variadas probabilidades de convergência de trajetos e rotinas.

Os espaços que fazem parte desses itinerários habituais [*daily paths* – Hägerstrand, 1970] constituem os *nós* de convergência de uma série de linhas de vida – vórtices de co-presença e interação potencial (figura 1). A cidade é atuada como uma estrutura de espaços atratores acessados em diferentes momentos. Essas nodalidades aumentam o potencial de convergência de atores que compartilham capacidades semelhantes de deslocamento e atuação na cidade, constituindo-se, portanto como pontos de formação de determinadas redes sociais. Padrões mais complexos de apropriação do espaço [envolvendo capacidades inerentes de mobilidade espacial e social] resultam em um potencial mais transpacial – menos dependente do espaço – na formação de redes pessoais. Esse tende a ser o caso dos grupos de maior renda, capazes de ter gastos maiores com transporte e consumo. Os locais de atividade destinados a esses grupos tendem a ser menos dependentes de uma localização específica – eles podem ser espacialmente distantes entre si. Nesse caso, o principal fator de construção de relações sociais e da rede social pessoal não é mais a proximidade, mas a mobilidade. A capacidade de mobilidade espacial e acesso social permite que os atores se envolvam em um número maior de atividades, sendo que cada um desses locais são pontos de encontro e, potencialmente, de novos vínculos.

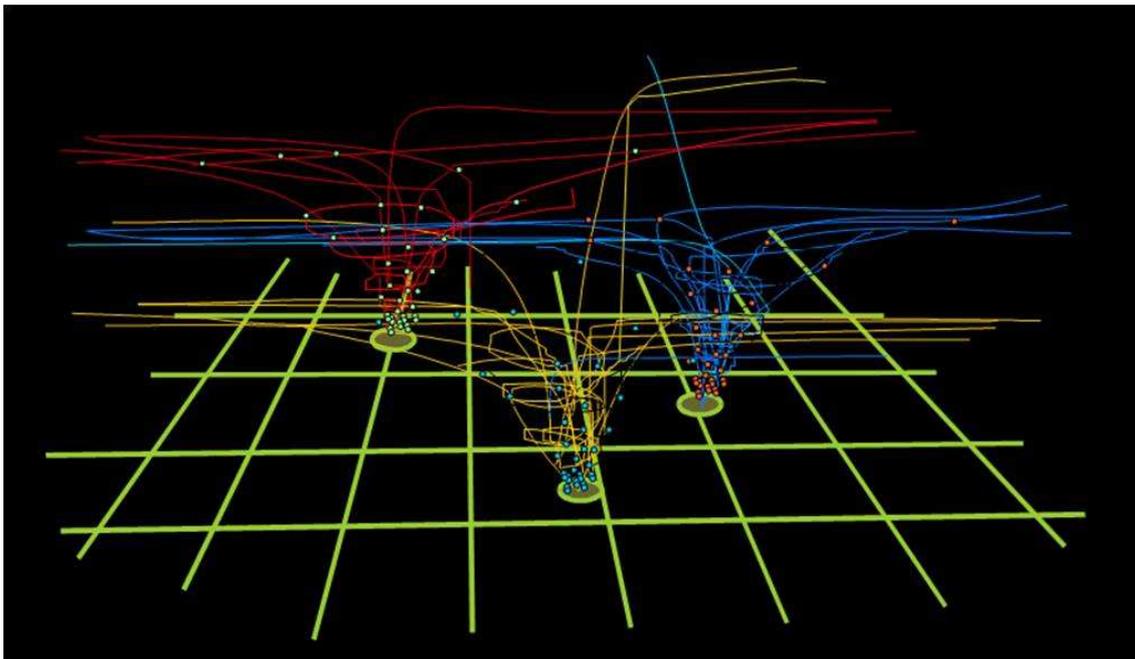


Figura 1: Nodalidades urbanas convergem atores e suas "linhas de vida" no tempo e espaço.

Grupos e classes sociais com menor capacidade de movimentação e atuação na cidade têm padrões de apropriação que demandam maior atenção teórica, dado que existem diferenças na intensidade de desigualdade social em diferentes contextos. Em cidades onde esse nível é elevado, os grupos sociais de menor renda possuem orçamentos limitados para investir em consumo, o que restringe atividades de lazer – criando assim outras maneiras de apropriação do espaço para estruturar a vida social. Estudos empíricos [como veremos adiante] mostram que esses grupos estão mais intimamente relacionados às áreas e espaços públicos próximos às suas residências no que tange à lugares para interagir e criar laços sociais. Esses grupos, naturalmente, também produzem seus nós urbanos de convergência social, que articulam séries de eventos e interações na formação de suas redes sociais. É importante observar que, mesmo para padrão de apropriação desses grupos sociais, há um raio de ação que rompe com a fricção da proximidade. As atividades localizadas próximas ao local de trabalho aumentam esse raio de apropriação, ainda que relacionem essas atividades aos tempos e rotinas do trabalho. O transporte público e a crescente propriedade de veículos automotores certamente permitem trajetos mais amplos e complexos de deslocamento na estrutura cidadina. Entretanto, como a mobilidade é limitada por capacidade financeira e fricção espacial, há, ainda, uma tendência geral à uma apropriação local, em que o raio de ação do movimento pedestre é determinante.

Baseados nessas observações propomos dois tipos ideais [enquanto reduções ou tipificações teóricas] de padrões espaciais de formação de redes sociais: (i) redes baseadas em padrões complexos de apropriação e maior capacidade de mover-se e atuarem na cidade; e (ii) redes

localizadas, com padrões de apropriação e sistema de encontros sociais dependentes da proximidade.

4. Segregação em redes sociais

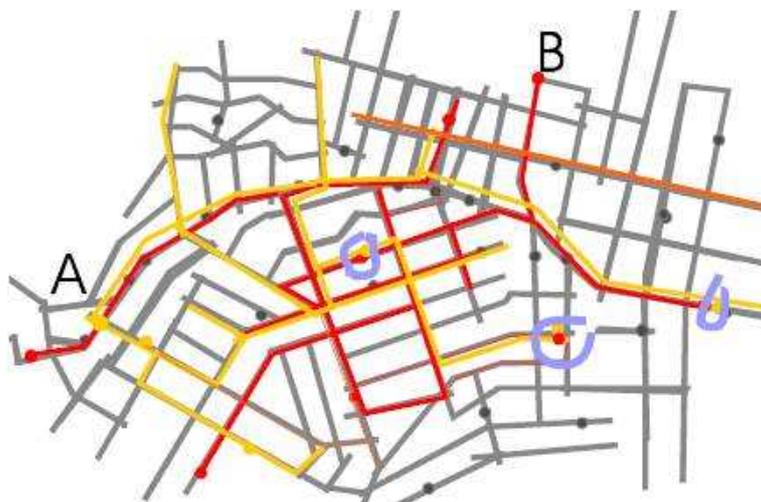


Figura 2: Mapear os trajetos dos atores na cidade permite uma avaliação da segregação como um fenômeno social dinâmico. Redes sociais, mesmo fortemente segregadas, podem se justapor em determinadas ruas e locais.

Podemos deduzir dessas observações que redes sociais pessoais espacialmente mais complexas são capazes de se mesclar com maior facilidade em uma rede social de grupo ou classe (figura 2). Os potenciais de mobilidade e de acesso a diferentes eventos na cidade [arranjados no espaço urbano de acordo com *padrões de localização* tipicamente descritos pela economia urbana] moldam geograficamente o alcance dessas redes. Diferentes pontos de convergência articulam de maneira distinta as séries de encontros e a formação de redes sociais diferentes. Grupos e classes com rendas elevadas e, portanto com maior mobilidade, tendem a possuir um potencial maior de conhecer pessoas que pertencem a sua própria classe ou grupo. Os encontros podem realizar-se mais freqüentemente, dado que esses atores têm acesso a muitos locais de atividade geograficamente diversos e têm maiores chances de conhecer outras redes sociais. Nos grupos sociais de menor mobilidade, a *recursividade* dos encontros é fortemente dependente da proximidade espacial.

As redes dos grupos e classes são estruturadas por meio das conexões mais prováveis de redes pessoais [os contatos que cada pessoa tem], que são, por sua vez, afetadas pelos padrões de apropriação. Se desdobrarmos essa ideia, veremos que diferenças no padrão de apropriação em que as redes sociais se baseiam implicam em incompatibilidades no acesso a localização e na sequenciação dos eventos sociais que de outra maneira poderiam ser sobrepostos ou justapostos: a *desarticulação dos encontros*. Diferenças em estilos de vida, renda, mobilidade espacial e acesso social a eventos implica em *desencontros na própria estrutura espaço-temporal das ações dos diferentes atores sociais*. Essa possibilidade consiste

de um deslocamento das possibilidades materiais de co-presença, comunicação e probabilidade de novos encontros. Em outras palavras, há uma chance maior de as redes sociais incorporarem atores que compartilham padrões de apropriação similares, a despeito de quão complexos ou dispersos pela cidade eles sejam. Além disso, os itinerários cotidianos afetam as “linhas de vida” – atividades, círculo de amigos, tempo disponível, oportunidades de trabalho – compondo assim a estrutura material da vida social de grupos em geral, e constantemente mudando o cenário futuro das ações e interações sociais na cidade.

Sincronicidade e complementaridade das ações

Essas descrições evocam a complexidade da vida social, bem como suas condições materiais. Porém, se já é complicado traçar o itinerário cotidiano de um ator isoladamente, o que dizer de vários itinerários se entrecruzando e divergindo no espaço urbano? Como podemos delinear uma imagem mais ampla, uma imagem do conjunto dessas linhas de vida entrelaçadas? Acima, relacionamos as *limitações e possibilidades de participação em eventos sociais ao papel das atividades e lugares urbanos e dos padrões de localização e acessibilidade na estruturação de diferentes redes sociais*. Gostaríamos de aprofundar as descrições desses processos altamente elusivos de agregação/desagregação social por meio de um conjunto de noções. Em primeiro lugar, propomos a extensão de um conceito originalmente usado pela economia espacial, a ideia de *complementaridade urbana*, e reparti-la em três: (a) a complementaridade das atividades urbanas localizadas no espaço, que se desdobra em (b) a complementaridade das ações entre os atores e (c) a complementaridade das ações dentro da própria rotina de um indivíduo. Articuladas, essas três complementaridades formam o cerne da vida social urbana: o que nos mantém unidos como sistemas sociais localizados. Em segundo lugar, devemos também partir o conceito de rotinização de Giddens (1984) em dois: *sincronicidade* [a ocorrência simultânea dos eventos e ações sociais sem que haja uma causa discernível] e *recursividade* das ações dos atores [o impulso à repetição, conceito explorado pelo próprio Giddens]. O desdobramento desses conceitos originais permite penetrar nas relações das ações individuais e do sistema de atividades urbanas na formação de situações de co-presença e interação, e também em como as redes sociais são espacialmente produzidas e reproduzidas. Nossa intenção é demonstrar que a cidade é um sistema material de possibilidades de ação, encontro e comunicação:

Estrutura Urbana → Sincronia / assincronia dos caminhos de ação no espaço → Convergência / divergência de redes diferenciadas

Os conceitos de recursividade, sincronicidade e complementaridade dos caminhos de ação como manifestações das atividades e rotinas urbanas englobam (a) a condição *temporal* das

ações [conexões⁶ pela repetição: ações são freqüentemente *seqüenciais*, se observadas ao longo do tempo]; (b) a condição sociofuncional das ações [conexões da interdependência sistêmica: ações são imersas em eventos sociais interrelacionados e complementares]; e (c) as ligações sistêmicas entre essas duas condições [conexões através dos períodos de desenvolvimento de certas atividades: durante sua realização ou no intervalo entre duas atividades, as ações sociais são parcialmente sincronizadas ou alinhadas no tempo e no espaço].

Com esse recorte analítico, pretendemos captar a volatilidade da cooperação da ação, desvelar a fragilidade da condição da interação e da própria possibilidade da interação – e a potência de um sistema de ações de grande proporção e recursividade, desdobrando-se em emaranhados de relações parciais, momentâneas. A organização social, por sua vez, é coletivamente produzida e reproduzida pela sincronia e por sua estrutura material: a própria cidade. No intuito de descrever a possibilidade de superposição dos itinerários individuais, acaba-se por atingir a relação entre a formação de laços sociais dentro de um sistema social e sua espacialização sob forma da estrutura urbana: aspectos da organização material da ação social. O cenário de uma rede intra-urbana com múltiplos nós atraindo e convergindo vários percursos individuais de maneira intermitente e simultânea, aleatória, mas estruturada, carrega a ideia da cidade como uma forma complexa de sincronias e assincronias, composta por dependências mútuas de cadeias de ações e atividades complementares, com relativa coordenação entre as ações. Exemplos são nossas rotinas de consumo e trabalho, quando participamos e interagimos com outros atores – momentaneamente ou recursivamente – dentro de atividades cooperadas. Ainda, além da dimensão temporal, as ações estão sempre atreladas a estruturas espaciais da cidade [digamos, ruas onde certas atividades podem a ser encontradas] e espaços que escapam a qualquer estrutura reconhecível [como espaços intersticiais na trama da cidade]. Tal descrição das complexidades das ações cotidianas na cidade parece potencialmente representativa, observadas na estruturação e rotinização da vida social, remetendo assim à concretização *social* e *material* dos esforços individuais e à própria possibilidade de associação de nossas práticas. Estes são as instâncias onde os desafios materiais da reprodução social são superados – desafios que naturalizamos em nossos cotidianos.

O espaço desempenha um papel de difícil compreensão teórica: devemos imaginar atores imersos em atividades dispostas em períodos de tempo, alguns convergindo simultaneamente em pontos do espaço urbano que podem estar vazios no período seguinte. Ver a disposição espacial desse emaranhado tremendamente complexo de linhas de convergência e divergência de ações é virtualmente impossível, mas reduções desse cenário permitem a compreensão de aspectos das dinâmicas da vida social e das condições de integração, segregação e

⁶ Termo de Parsons (1971) e Luhmann (1995) apontando as relações funcionais entre ações que formam sistemas sociais.

coexistência. Fragmentos dessa forma espaço-temporal de organização podem ser mapeadas em um diagrama tetradimensional (figura 3). As atividades realizadas em T1, T2 e T3 ocorrem em diferentes momentos ou períodos de tempo; nesses eixos temos a convergência/divergência dos caminhos de ação dos diferentes atores.

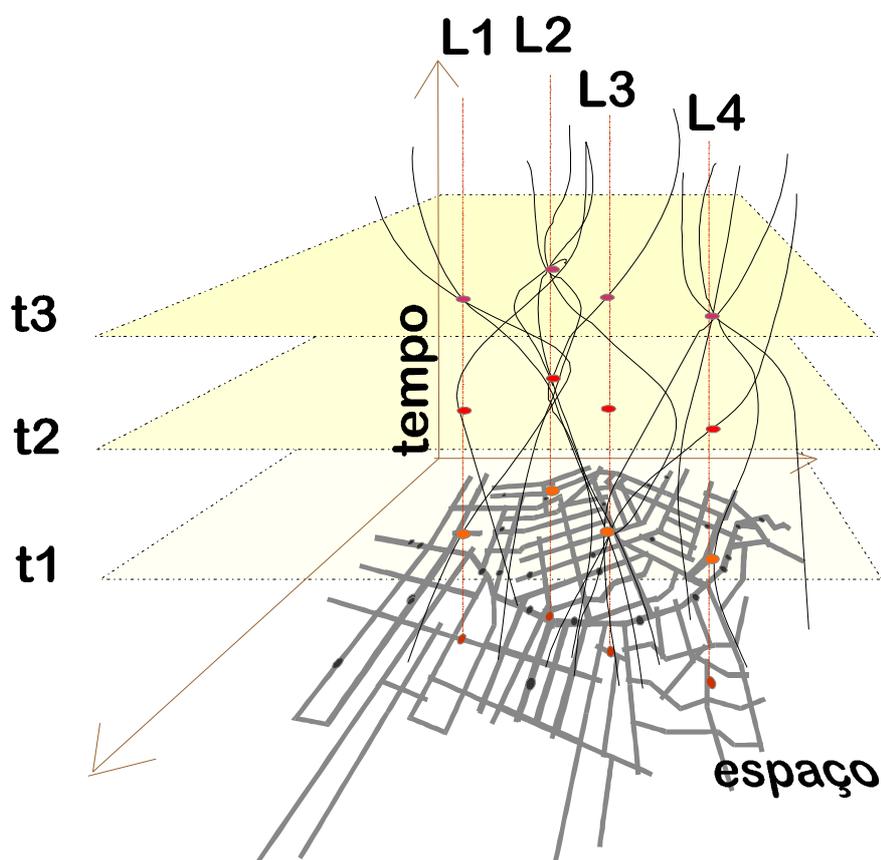


Figura 3: Redes sociais atuando a cidade: recursividade, sincronicidade e complementaridade das ações no tempo, e padrões de acessibilidade e complementaridade das atividades em localizações no espaço se relacionam tanto com a aleatoriedade quanto a estruturas nas possibilidades de encontro.

5. Aleatoriedade e contingência dos encontros

Todas as organizações envolvem a coordenação da interação em fluxos de relações espaço-temporais canalizados por meio de contextos e localidades. (GIDDENS, 1984, p. 77)

Para conseguirmos ver como a cidade, enquanto o *locus* possível da coexistência, é apropriada por tais redes sociais segundo diferenciações nos fluxos de interação no tempo e espaço, conforme mencionado por Giddens, gostaríamos de desenvolver um pouco mais esse arcabouço conceitual que apresentamos. O objetivo é atingir as cadeias de ação baseadas na co-presença as quais constituem a formação de redes sociais na cidade. Uma ideia fundamental para essa compreensão é a possibilidade de *convergência de ações em lugares*

específicos. Podemos entender a geração de fluxos diferenciados de ação emergindo da seqüência de eventos sociais que se desdobram em locais de atividade [por exemplo: local de trabalho → local de almoço → trabalho → lazer/consumo → residência] contando com convergências relativamente sincronizadas e recursivas, e ampliando assim as possibilidades de se encontrar atores da mesma classe ou grupo social. Lugares urbanos são o suporte material do entrelaçamento das trajetórias individuais, e da produção de relações entre atores. Devido a essa estrutura temporal, em especial nos dias úteis, e à distribuição dos locais de atividade [em especial grandes atratores onde atividades variadas têm lugar, tais como universidades, hospitais, estações de metrô e *shopping centers*] ao longo de estruturas urbanas reconhecíveis [como ruas principais em bairros e cidades], podemos encontrar densidades distintas de encontro e coexistência, bem como encontrar pistas para identificarmos as forças produtoras de segregação. A reprodução social, por sua vez, é constituída por [e constitui] convergência de linhas de vida em espaços e momentos tanto de maneira contingente quanto não contingente. É difícil apreender teoricamente a contingência, mas podemos amenizar as dificuldades se entendermos que as ações de sociabilidade operam de maneira relacional, e que mesmo a contingência e a aleatoriedade podem ser materialmente distribuídas e concentradas – especialmente se produzimos espaço de maneira a relacionar nossas ações e interações.

De fato, sugerimos que as *cidades são mecanismos de compressão da aleatoriedade e contingência de interação, gerando uma "redução da complexidade social"* [de acordo com Luhmann, a redução das possibilidades de imprevisibilidade das escolhas de interação]. Sociedades estruturam o espaço na forma de cidades não apenas para possibilitar as trocas socioeconômicas, como afirmado na economia espacial. Mais sutilmente que isso, *cidades consistem de uma maneira de controlar a elusividade do encontro, a frágil condição material da interação, e os riscos de um nível de assincronia insustentável na associação dos cursos de ação*. Associações criadas por espaços desestruturados ou por completa dispersão em espaços quase-urbanos ou não-urbanos seriam social e economicamente dispendiosos demais para se tornarem suporte das interações. *Se o espaço urbano é coletiva e historicamente estruturado, então essa estrutura pode muito bem ter o efeito de fazer convergir os corpos e ações em uma crescente possibilidade de interação e concretização dessas possibilidades em um fluxo real de interação e comunicação heterogeneamente distribuídos em uma estrutura heterogênea*. Interações são sistemicamente relacionadas e ancoradas em nodalidades distribuídas pelo espaço urbano e que conectam caminhos de ação cotidiana e articulam o que experienciamos coletivamente como vida social.

Tal descrição é potencialmente esclarecedora no sentido de mostrar a sincronia relativa das ações desempenhadas em locais de atividade distribuídos de acordo com sua complementaridade, o que dá forma a padrões de localização e acessibilidade – e mais, a espacialidades internas que podem articular determinadas redes sociais. É esse o recorte

espaço-temporal que permite entender a sobreposição de caminhos de ação cotidiana dos diferentes grupos na cidade. Mesmo se as frequências de atos mudam, a recursividade é capaz de levar os atores para certos lugares para desempenhar suas tarefas diárias. Ainda que haja desencontros temporais, a presença corporal pode acontecer, aumentando assim as chances de encontro e tendo como variáveis o tamanho do sistema urbano, a diversidade de atividades e a posição dos grupos e classes em seu espaço social [nos termos de Bourdieu].

Assim, o espaço ainda é um fator importante na reprodução da segregação, mas de uma maneira muito mais complexa que os efeitos das áreas segregadas, e com um potencial muito maior de integrar e segregar atores. Esse conjunto de conceitos objetiva descobrir as dinâmicas diárias de sistemas sociais localizados e suas condições e possibilidades de integração ou segregação. Locais de alta centralidade e acessibilidade tendem a justapor os caminhos de ação dos atores a caminho de nós sociais [locais de atividade], aumentando assim o potencial de co-presença e recursividade dos encontros. Ainda, a apropriação se dá em cadeia: de um local para outro, de acordo com a complementaridade das rotinas, espacialmente estimulados pela complementaridade da localização [proximidade]. A característica principal dos espaços acessíveis é justamente permitir a *complementaridade* das rotinas, baseadas em distâncias curtas e rapidamente percorridas. Isso, naturalmente, aumenta a probabilidade de encontro. Tais *probabilidades de encontro são distribuídas de acordo a estruturas espaciais e temporais da ação na cidade*. Espaços com boa acessibilidade possuem forte potencial de convergência de grupos sociais diferentes e de articular vida privada e vida coletiva. De fato, os conteúdos sociais [atividades] produzidas nas arquiteturas e lugares e distribuídos pelas estruturas de acessibilidade têm um papel importante na [re]produção das relações sociais e na configuração de redes sociais. Entretanto, a variedade de fluxos de ação na cidade [levando-se em consideração a complexidade da seleção entre as atividades disponíveis na cidade] gera um panorama altamente variável de encontros. Vimos que pode-se tornar essa complexidade mais palpável se observarmos que um mesmo lugar articula muitos caminhos de ação cotidiana. Os trajetos dos atores convergem de maneira aparentemente aleatória, mas de fato eles o fazem de acordo com padrões variados mas específicos de complementaridade, recursividade e sincronicidade. Espacialmente, os caminhos de ação são modelados por meios de apropriação do espaço [o poder da mobilidade espacial e do acesso social] e por diferenças sociais.

Juntas, essas propriedades materiais da ação asseguram a passagem da ação individual para a social, constituindo a condição material da organização e reprodução social (cf. NETTO 2007; 2008). Elas o fazem, porém, não de uma forma mecânica, pois organização e reprodução social envolvem alta flexibilidade e variabilidade na disposição material dos caminhos de ação. Há uma relação direta entre padrões de encontro e padrões de apropriação espacial, ainda que imersa em probabilidades e cercada pela aleatoriedade – uma relação não-determinística em que a contingência toma forma da assincronia e escolhas espaciais distintas. *A aleatoriedade*

nunca se descola do processo, mas é de alguma maneira estruturada e disposta em probabilidades parcialmente identificáveis, de maneira que ela se encontra em volta e no interior da elusiva estrutura da ação social. Caminhos de ação convergem ou divergem como lugares ou momentos de encontro em função da diferenciação do próprio espaço. Os caminhos de ação encontram sincronidade dentro de fluxos de ação no tempo e no espaço da cidade, canalizados através de estruturas urbanas e moldadas por padrões de apropriação e complementaridade funcional. Esses são os tempos e os espaços de emergência dos encontros. Devido à recursividade dos encontros, as redes pessoais de laços concretos são formadas, e por afinidades compartilhadas de caminhos de ação no tempo e no espaço, emergem progressivamente redes sociais de classes e de grupos. Isso inclui a realização dos potenciais para interação social latente nas próprias afinidades materiais, pois as estruturas espaço-temporal de trajetos distintos permitem maiores compatibilidades entre determinados atores. Incompatibilidades assumem a forma de sínopes na escolha, acesso e sequenciamento desses pontos no espaço e no tempo que compõem nossas ações. Em outras palavras, em nossos caminhos de ação subjazem probabilidades distintas de encontrar o Outro. Uma forma específica de apropriação espacial remete ao que Sartre (GIDDENS, 1984) definiu como "encerramento dos relacionamentos". Interação, enquanto a articulação de caminhos de ação, emerge em espaços públicos ou no interior de fronteiras arquitetônicas. O fator material ativo para a coesão interna de redes sociais é a maior probabilidade de encontro. Concomitantemente, é o que as separa gradualmente, no próprio fluxo da vida cotidiana. Se pudéssemos mapear a formação de redes sociais como convergências espaço-temporais de corpos da cidade, talvez pudéssemos entender as consequências da segregação que acompanha o corpo.

Um estudo empírico sobre redes sociais no espaço urbano

Esses padrões podem ser identificados através de métodos que incluem o mapeamento dos caminhos de ação individuais e a análise dos padrões de acessibilidade e redes de transporte urbano. O conjunto dos mapas dos caminhos de ação dos diferentes grupos são descrições espaciais parciais de redes sociais. Técnicas de superposição desses mapas [analógica, computacional ou por meio de sistemas de informação geográfica] podem ser empregadas de maneira a permitir vislumbrar como se dá a interação potencial entre redes sociais no espaço. Desenvolvemos um estudo para ilustrar a aplicação do conceito de redes sociais segregadas em uma situação real, na cidade de Niterói, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.⁷ Realizamos um estudo com um grupo de 20 atores de diferentes estratos sociais, que trabalham ou estudam em unidades da Universidade Federal Fluminense distribuídas em três nodalidades [uma unidade de Planejamento Participativo, no centro da cidade; o campus do Valonguinho, no centro; e Praia Vermelha – pontos negros nas figuras 4 e 5], com intuito de

⁷ Outros estudos apontam diferenças fundamentais nos modos como atores de diferentes classes se apropriam do espaço: veja Santos, (et. al, 1985), Holanda (2000) e Aguiar (2003). Gostaríamos de agradecer a colaboração de Lessa na ampliação do estudo.

analisar seu papel na articulação dos distintos caminhos de ação. Estratos sociais foram baseados na renda familiar mensal dos entrevistados, distribuídos em três categorias: azul [até R\$ 1114 ou US\$ 637], roxo [R\$ 1114 a R\$ 4806 ou US\$ 2747] e vermelho [acima de R\$ 4806 ou US\$ 2747]⁸. Foram coletados dados referentes às rotinas dos atores, desde o momento que eles deixaram suas casas, englobando também outras atividades realizadas durante o dia [local de almoço, compras para casa, etc.]. Também mapeamos os locais que os atores costumam utilizar para atendimento médico, educação, lazer e demais locais de consumo, de maneira a enriquecer as informações espaciais. O nível de sobreposição dos atores no espaço é mostrado pela intensidade das cores de um mesmo grupo. Os mapas mostram atores que moram em diferentes áreas de Niterói e da região.

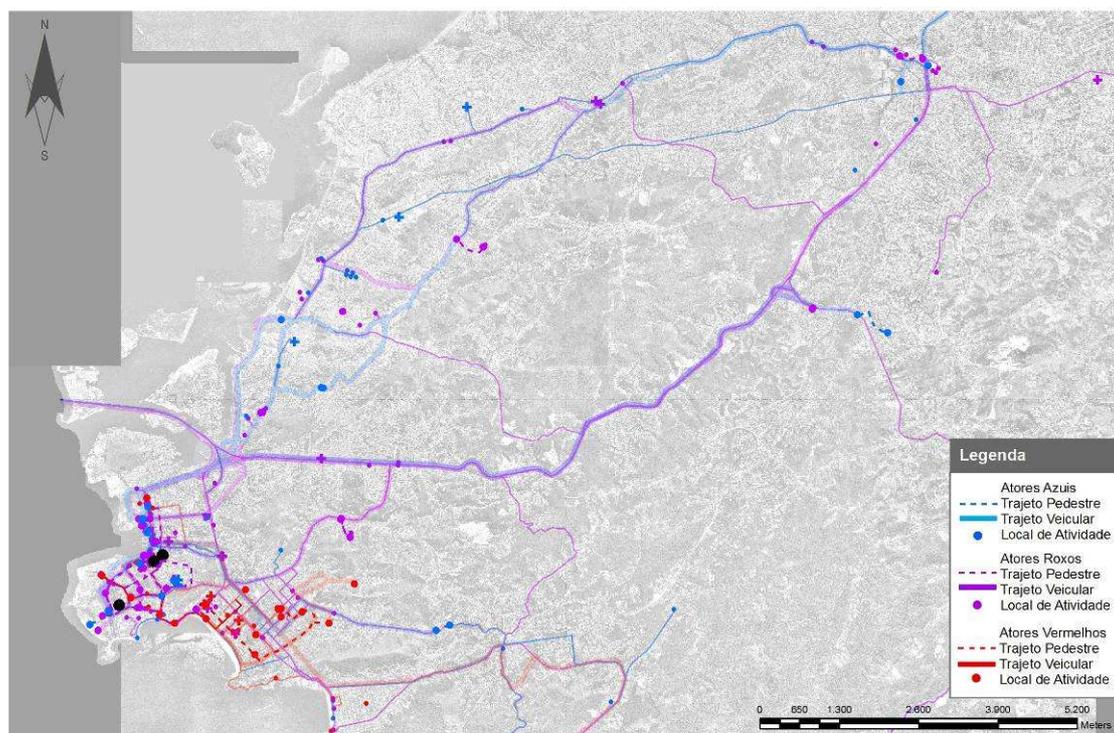


Figura 4: Os trajetos dos atores na cidade e a segregação como um fenômeno social dinâmico: trajetos de ação em um único dia: azul, roxo e vermelho. Os caminhos dos atores azuis e roxos sobrepõem-se substancialmente. As redes sociais, mesmo fortemente segregadas, tem pontos e linhas de sobreposição em determinados locais – lugares potenciais da coexistência.

⁸ Taxa de câmbio em 25 de agosto de 2010.

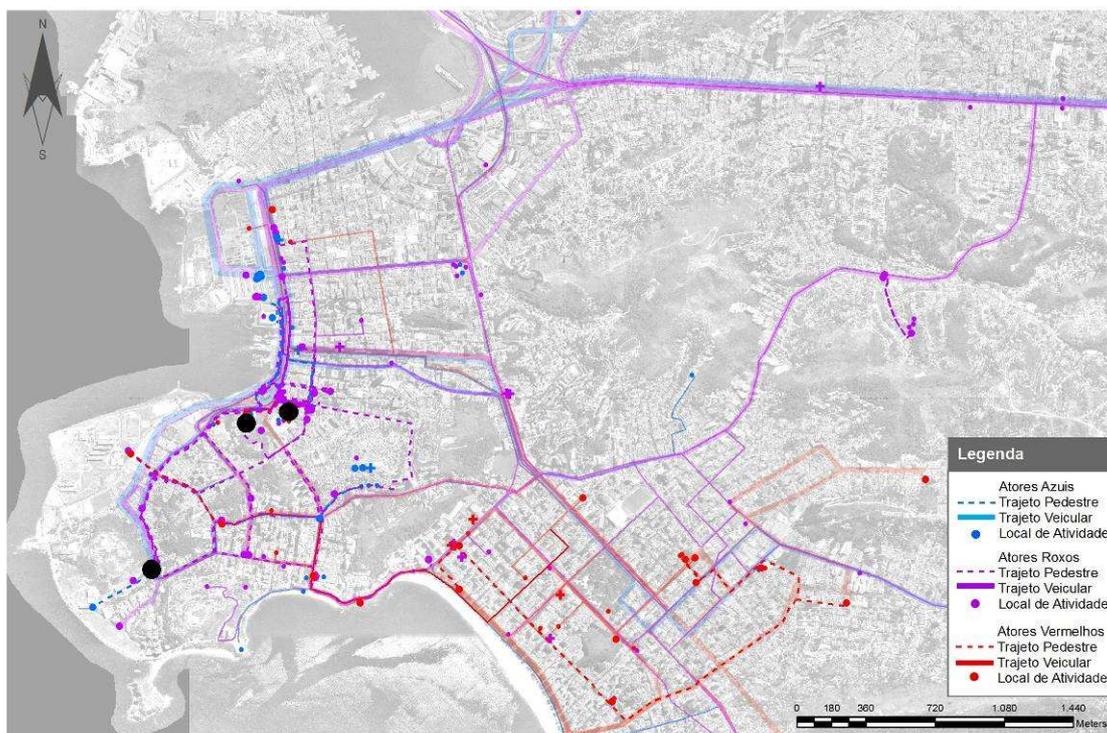


Figura 5: Detalhe dos mapas espaciais no Centro: o caminho pedestre é representado por linhas azuis, enquanto o movimento veicular [público ou particular] é representado por linhas contínuas.

O estudo demonstra, primeiramente, o efeito da segregação residencial como a assincronia inicial nos trajetos, com a maioria das residências dos atores azuis e roxos localizados em áreas ao norte. Complexidades nos padrões locais são captadas, dado que atores com menor renda podem residir em lugares acessíveis [como favelas]. Em segundo lugar, podemos observar como pontos de ônibus e locais de consumo e serviços localizados próximos ao local de trabalho ou estudo têm maior potencial de convergência. Um método gráfico (figuras 6 a 8) adiciona a *dimensão temporal* aos trajetos de ação espaciais, o que permite uma visão de como o *padrão de apropriação espacial influencia o potencial de co-presença entre indivíduos pertencentes a estratos sociais distintos*. O diagrama mostra as sincronias espaciais potenciais, bem como as disjunções temporais nesses trajetos. No caminho para o trabalho, níveis distintos de mobilidade dos atores podem levá-los a utilizar as mesmas ruas, ou então a variações na estrutura espaço-temporal das rotinas.



Figura 6: Coexistência e divergência: as linhas representam a movimentação dos atores no espaço [variação vertical, onde O é o centro] e no tempo [variação horizontal].

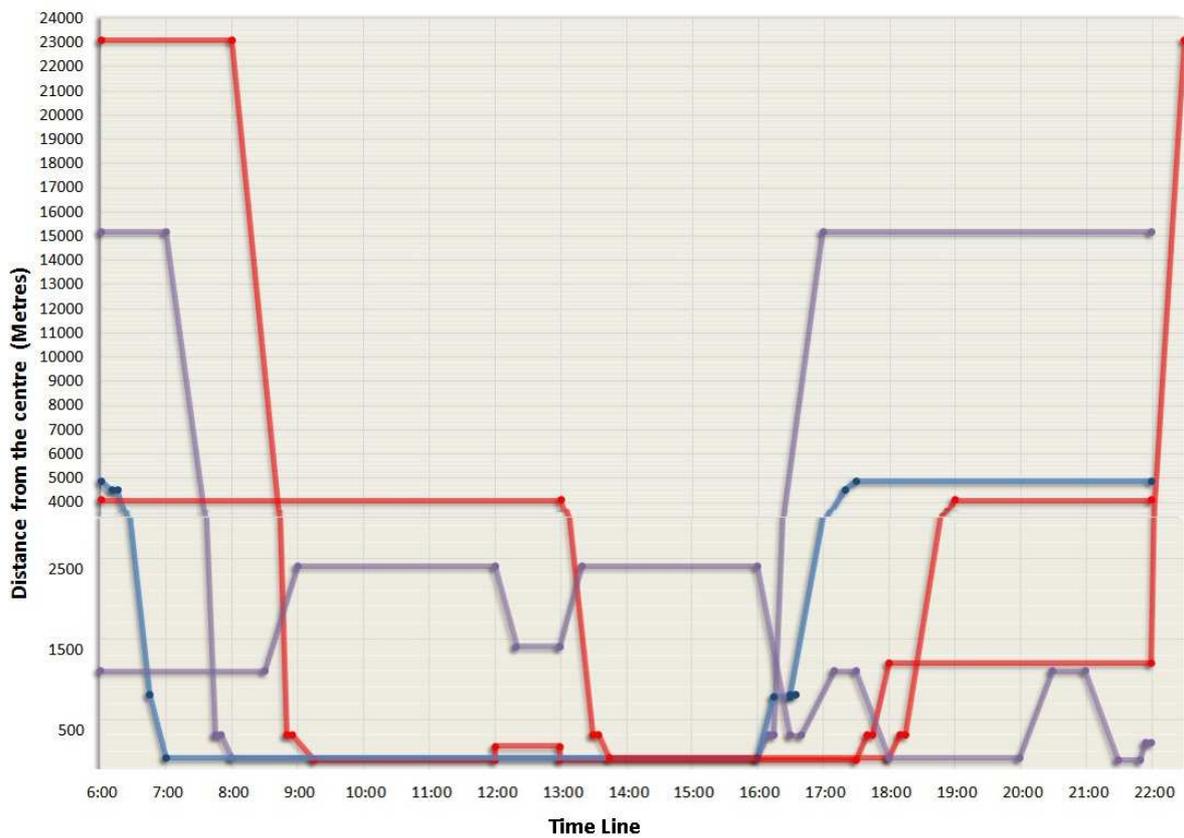


Figura 7: O diagrama espaço-temporal mostra casos típicos de um estudo empírico em escala micro. A convergência das linhas indica sobreposição potencial de redes sociais, momentos e espaços para reconhecimento do Outro.

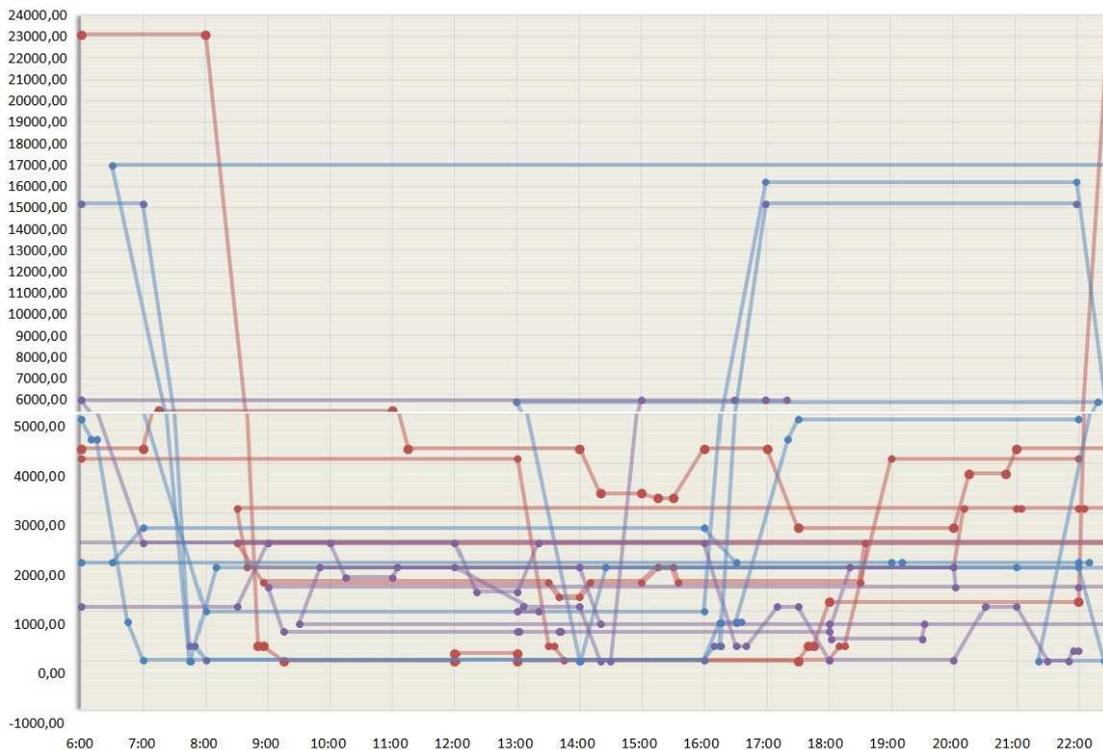


Figura 8: O diagrama espaço-temporal pode revelar a complexidade dos caminhos de ação de atores na cidade.

6. A possibilidade [urbana] da coexistência

O presente trabalho se propôs a trazer uma abordagem alternativa à segregação espacialmente estática, visando, para tanto, capturar os trajetos dos corpos no espaço, e os locais onde os corpos podem ser reconhecidos como sinal de diferença social, alteridade e identidade. Considerou a vida cotidiana nas cidades como atos imersos em possibilidades controladas de interação naturalizadas em estilos de vida e padrões de apropriação compartilhados entre aqueles com posições sociais similares.

Gostaríamos de sugerir ainda que o conceito de padrões de encontro concentrados ou dispersos no tempo e no espaço pode ser utilizado mesmo em sociedades mais homogêneas, e focados em grupos de naturezas e escalas distintas. Esse conceito nos permite entender a *distância estrutural entre atores como sendo intrínseca à formação de redes sociais*. Restrições da interação são baseadas em diferentes capacidades de atuação e mobilidade no sentido de gerar situações temporais e espaciais pra reproduzir encontros e divergir encontros entre os socialmente diferentes – potencialmente dessincronizando suas práticas no tempo-espaço da cidade. Configura-se assim redes sociais especializadas, altamente dinâmicas e com pouca superposição. Em outras palavras, diferenças na apropriação implicam em especificidades de formação de redes sociais, potencialmente reproduzindo uma *distância social estrutural*. Nesse caso, redes sociais diferentes, mesmo que eventualmente sobrepostas, tendem a não produzir convergências suficientes em intensidade e forma apropriada para serem efetivamente entrelaçadas pela interação recursiva, que permite o contato efetivo com o Outro.

Nesse cenário de possibilidade de segregação sobre o corpo, como situamos o *design* da coexistência? Talvez a questão mais apropriada seja "como podemos projetar espaços e planejar cidades de maneira a estimular a coexistência?" Qualquer resposta a essa questão deve ter como base o conhecimento de quais as espacialidades que de fato potencializam a coexistência. Diversidade urbana de atividades, socialidades, complexidade do padrão de localização, acessibilidade e mobilidade são claramente características-chave a serem incluídas em tais ações de projeto. O conceito de rede social espacializada tem como foco as condições de coexistência como convergência de ações que não deixam traços visíveis: momentos fugidios, encontros e interações que desaparecem de maneira tão súbita quanto surgem; e foca nos corpos e espaços como condições cotidianas para formação e interação de mundos sociais distintos dentro de uma mesma cidade.

Referências

AGUIAR, D. Colisões urbanas: continuidades e descontinuidades. **Vitruvius**, v. 32. Seção Arqtextos. Disponível em:

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/03.032/718>>. Acesso em: 01 set. 2010.

BOURDIEU, P. Social space and symbolic power. In: **Sociological Theory**, v. 7, Nº. 1. 1989, pp. 14-25.

FREEMAN, L. Segregation in social networks. In: **Sociological Methods & Research**, vol. 6, Nº 4, 1978, pp.411-429.

FREEMAN, L. **The Development of Social Network Analysis**. Vancouver: Empirical Pres, 2006.

GIDDENS, A. **The Constitution of Society**. Cambridge: Polity Press, 1984.

GONZALES, M.; HIDALGO, C.; BARABÁSI, A-L. Understanding individual human mobility patterns. In: **Nature**, 453, 479-482, 2008.

GRAVONETTER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, n. 81, pp.1287-1303, 1973.

HABERMAS, J. **The Theory of Communicative Action**. Vol.1. Cambridge: Polity Press, 1984.

HAGERSTRAND, T. What about people in regional science? **Regional Science Association**, Vol. 24, 1970.

HILLIER, B.; HANSON, J. **The Social Logic of Space**. Cambridge: University Press, 1984.

HOLANDA, F. **O Espaço de Exceção**. Brasília. Ed. UnB, 2002.

- HOLANDA, F. Class footprints in the landscape. **Urban Design International** 5, 3-4, pp.189-198, 2000.
- KRAFTA, R. Modelling intraurban configurational development. **Environment and Planning B: Planning and Design** 21, pp. 67-82, 1994.
- KRUGER, M. An approach to built-form connectivity at an urban scale: variations of connectivity and adjacency measures amongst zones and other related topics. **Environment and Planning B** 6 (3) pp. 305-320, 1979.
- LUHMANN, N. **Social Systems**. Stanford: Stanford University Press, 1995.
- NETTO, V. Practice, Communication and Space: A Reflection on the Materiality of Social Structures. In: **UCL**, 2007. Disponível em: <<http://eprints.ucl.ac.uk/5060/>>.
- NETTO, V. **Caminhos em arquitetura e sociedade**. Bloco (4), Novo Hamburgo, Ed. Feevale, 2008. Disponível em: <<http://www.urbanismo.arq.br>>.
- NETTO, V.; KRAFTA, R. Segregação dinâmica urbana. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Anpur, 1999.
- PARSONS, T. **The System of Modern Societies**. Englewood Cliffs: New Jersey, 1971.
- SCOTT, J. **Social Network Analysis**. London: Sage, 1991.
- THRIFT, N. **Non-Representational Theory: Space, Politics, Affect**. London: Routledge, 2008.
- WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: Methods and Applications**. Cambridge: University Press, 1994.